



Ideologias subjacentes aos estrangeirismos de origem inglesa no Brasil e a consciência sociolinguística

Ideologies underlying English loanwords in Brazil and sociolinguistic awareness

Marcelly Monteiro Faria

Universidade Federal de Sergipe (UFS), Aracaju, Sergipe/ Brasil

marcellym90@gmail.com

<http://orcid.org/0000-0001-6259-3057>

Resumo: Visando analisar a relação que os falantes possuem com os estrangeirismos, este estudo apresenta uma investigação das ideologias linguísticas subjacentes aos estrangeirismos no Brasil, por meio de um estudo de tratamento societal, tendo como *corpus* produções multimodais (memes, cartoons e tirinhas) coletadas em blogs, sites e redes sociais brasileiras. A coleta de dados se fez através de buscas na internet utilizando a palavra-chave *estrangeirismos* e os achados foram classificados quanto ao posicionamento que expressavam em relação a essas palavras.. Após uma comparação com a metalinguagem utilizada por Faraco (2001; 2004), Garcez e Zilles (2004), Schmitz (2004), Possenti, (2004), Fiorin (2004), Assis (2007) e Soares (2019), foram identificadas seis ideologias linguísticas subjacentes aos estrangeirismos de origem inglesa: estrangeirismos em excesso; estrangeirismos como vício de linguagem; estrangeirismos vistos como colonização ou dominação ideológica; estrangeirismos dificultam a compreensão; estrangeirismos como escolha estilística e por fim estrangeirismos através do viés da naturalização. A análise dos materiais evidencia que os falantes possuem opiniões variadas em relação aos estrangeirismos e essas opiniões ocorrem em forma de discursos específicos. Os falantes também possuem diferentes graus de consciência sociolinguística em relação aos estrangeirismos, e conseguem demonstrar isso no uso que fazem da língua.

Palavras-chave: ideologias linguísticas; estrangeirismos; tratamento societal.

Abstract: Aiming to analyze the relationship that speakers have with loanwords, this study presents an investigation of the linguistic ideologies underlying foreign words in Brazil through a study of societal treatment having as corpus multimodal productions (memes, cartoons and comic strips) collected in blogs, websites and social networks. Data collection was done through internet searches using the keyword *estrangeirismos*.

The 40 findings were grouped as a result of the discursive similarity and classified according to the position they expressed in relation to foreign words, of which only a few were chosen to compose the present work. After a comparison with the metalanguage used by authors such as Faraco (2001; 2004); Garcez; Zilles (2004); Schmitz (2004); Possenti, (2004); Fiorin (2004); Assis (2007); Soares (2019) and others, six linguistic ideologies underlying English foreignisms were identified: excess loanwords; loanwords as a language vice; loanwords seen as colonization or ideological domination; loanwords as an impairment to understanding; loanwords as a stylistic choice and, finally, loanwords through the naturalization bias. The analysis of the discourse present in the materials allows us to conclude that the speakers have varied opinions in relation to foreign words and these opinions occur in the form of specific discourses. Speakers also have different degrees of linguistic and sociolinguistic awareness of foreign words, and they are able to demonstrate this in their use of language.

Keywords: linguistic ideologies; loanwords; societal treatment.

Recebido em 24 de outubro de 2022.

Aceito em 27 de maio de 2023.

1 Introdução

Para nomear ou descrever fenômenos novos com os quais se deparam, as pessoas podem recorrer a recursos da sua própria língua, com a criação de neologismos (derivação, composição, ampliação semântica, etc.), ou pegar emprestado palavras de outra língua. Nesta segunda opção, ocorrem empréstimos lexicais, que, em um primeiro momento, são rotulados como estrangeirismos, a exemplo das palavras *fake News* (notícia falsa), *crush* (paixonite), *lockdown* (confinamento), oriundas do inglês, mas que atualmente também são usadas pelos brasileiros falantes de português.

Entretanto, criar uma nova palavra a partir de recursos da própria língua ou pegar emprestado palavras de outra, embora tenham o mesmo objetivo de prover o léxico com a precisão necessária para o processo comunicativo, não são tarefas equivalentes, tanto do ponto de vista do processamento linguístico, quanto do ponto de vista da avaliação social.

Os falantes utilizam estrangeirismos seja porque precisam de uma palavra para nomear algo, um fenômeno ou um produto novo para

o qual ainda não há uma palavra específica na língua, seja pelo efeito denotativo em uma situação comunicativa em que mesmo havendo uma palavra na língua vernacular, opta-se pela palavra equivalente em uma língua estrangeira. Por isso, a escolha entre uma palavra vernacular ou um estrangeirismo é complexa, porque, mesmo que o estrangeirismo tenha um correspondente vernacular, os significados sociais e estilísticos são diferentes.

Uma das características que distinguem os empréstimos de estrangeirismos decorre do grau de saliência do traço estrangeiro que é evocado na consciência dos falantes: as pessoas reconhecem estrangeirismos como um item alheio, não pertencente à sua língua, uma vez que a palavra ainda carrega traços do comportamento linguístico da sua língua de origem, como a fonotaxe. Quando o traço estrangeiro é perdido – ou seja, quando a palavra passa por ajustes fonotáticos para tornar sua pronúncia mais próxima do vernáculo da nova língua e quando passa a sofrer os mesmos processos morfossintáticos, como a flexão e derivação –, tem-se um empréstimo regularizado.

No entanto, no momento em que passam por essa transição, justamente por despertarem a consciência linguística dos falantes, os estrangeirismos, junto com variedades vernaculares desprestigiadas estão entre os fenômenos linguísticos que mais suscitam o julgamento social, desencadeando atitudes linguísticas.

Acontece que os falantes, ao pegarem emprestado os elementos de outra língua, acabam trazendo em seu bojo representações simbólicas que permeiam a língua emprestada, que podem ser boas ou ruins. Podemos citar como exemplo palavras do inglês, uma língua que, por sua importância política e econômica, tem sido uma fonte produtiva de empréstimo em todo o mundo. Ao adentrarem no português brasileiro na forma de empréstimos, as palavras dessa língua carregam valores associados à nação de origem, os Estados Unidos., Esses valores podem variar entre a noção de dinamismo e modernidade tecnológica até ao perigo de dominação ideológica que essa nação representa em todo o planeta (GARCEZ; ZILLES, 2004).

Outra questão que envolve os estrangeirismos está relacionada com o comportamento defensivo e conservador em relação à própria língua, denominado de purismo linguístico (LEITE, 1997; FARACO, 2001). Assim, se por um lado, as associações simbólicas provenientes da língua do empréstimo podem conferir ao estrangeirismo um

determinado valor de prestígio diante dos falantes, por outro o uso de palavras estrangeiras também pode suscitar um sentimento de suspeita ou ameaça, despertando um comportamento conservador por parte de pessoas propensas a assumir uma atitude purista em relação à língua.

Gramáticas tradicionais costumam classificar os estrangeirismos como vícios de linguagem, apresentando-os como problemas na linguagem, com a recomendação direta de substituição por termos vernaculares correspondentes, como Cegalla (2008), enquanto outros, como Bechara (2009), posicionam o fenômeno de forma mais sintonizada com os contextos linguísticos e sociais da sua produção. Ainda assim, a classificação permanece, deixando a critério dos consulentes assumirem uma posição crítica a respeito dos estrangeirismos.

Uma interpretação estreita das recomendações gramaticais, a exemplo de Cegala (2008), levou os estrangeirismos a ser tema de iniciativas de intervenções políticas sobre a língua, a mais notória delas foi o Projeto de Lei 1676/1999, de autoria do deputado federal Aldo Rebelo, na época filiado ao partido PCdoB, que visava prioritariamente proibir os estrangeirismos, em especial os anglicismos, com a justificativa de que eles apresentavam uma ameaça a identidade nacional e eram lesivos à língua (BRASIL, 1999).

Outra iniciativa semelhante, porém, desta vez de âmbito estadual, foi o Projeto de Lei 156/2009, de autoria do deputado estadual Raul Carrion, que obrigava a tradução de qualquer expressão estrangeira que possuísse equivalente em língua portuguesa no estado do Rio Grande do Sul (RIO GRANDE DO SUL, 2009).

As PLs, em especial a de autoria do deputado Aldo Rebelo, tiveram uma grande repercussão social, chamando a atenção para a natureza ambivalente dos estrangeirismos, ao dividir opiniões. De um lado, estavam aqueles que não viam problema na presença dos estrangeirismos; do outro, os que achavam a iniciativa de Aldo Rebelo mais do que necessária, e nesse tocante estamos falando de uma grande parte da sociedade, o que inclui mesmo um grande saldo dos seus intelectuais.

O fato serviu para despertar a atenção da comunidade científica, em especial da área da linguística, para o quadro de ideias que circulavam na sociedade e do quanto elas estavam destoantes do pensar científico, revelando quanto importantes descobertas e discussões científicas estavam distantes do grande público, ou seja, da sociedade de um

modo geral, e como isso poderia inviabilizar a inspiração de políticas linguísticas realmente coerentes e eficazes.

Em vinte anos de intensos debates, a temática dos estrangeirismos segue inspirando iniciativas legislativas, como exemplo mais recente temos o Projeto de Lei 5632/2020 do deputado José Airton Félix Cirilo (PT-CE), que objetiva proibir nomear empresas brasileiras com expressões em língua estrangeira com a justificativa de que o nome estrangeiro pode causar constrangimentos (BRASIL, 2020). O fato comprova que, mesmo depois de calorosas discussões em relação à temática (FARACO, 2001, 2004; RAJAGOPALAN, 2003; RAJAGOPALAN, 2004. RAJAGOPALAN 2005; VIEIRA, MOURA, 2000), a questão dos estrangeirismos está longe de ser um assunto resolvido. Embora nos últimos anos o fenômeno dos estrangeirismos tenha despertado o interesse de pesquisa de diversos autores, em especial devido à polêmica do projeto de lei do deputado Aldo Rebelo (BOTTA, 2020; CANO, PRADO, 2009; FERRAZ, 2006; LABATE, 2008; SILVA, 2008), no Brasil, ainda são poucos os estudos de natureza empírica que exploram a relação entre os estrangeirismos e os seus falantes a fim de se entender as questões que subjazem às suas escolhas.

Saber como as pessoas lidam com determinados fenômenos linguísticos é um dado importante para as ciências da linguagem, em especial a sociolinguística, principalmente quando essa relação afeta a sociedade, como é o caso do fenômeno em questão. As recorrentes tentativas de legislar sobre um fenômeno da língua comprovam que um conjunto de crenças e ideologias circulam no imaginário social, influenciando a visão dos falantes, entretanto, empiricamente, ainda se sabe muito pouco como essas crenças e ideologias atuam para influenciar a visão dos falantes em relação aos estrangeirismos.

A combinação de diferentes pistas perceptuais pode ajudar a entender melhor a dimensão societal do fenômeno. Caracterizamos o campo de estudos de atitudes linguísticas na perspectiva da sociolinguística (GARRET, 2010), que é a base para um estudo de tratamento societal realizado a partir de materiais multimodais coletados nas redes sociais. O objetivo deste trabalho é apresentar uma proposta de classificação das ideologias linguísticas veiculadas nesses materiais. Assim, além de reunir um *corpus* constituído de materiais multimodais presentes na internet, são desveladas ideologias linguísticas que

fomentam as crenças e atitudes linguísticas dos brasileiros em relação aos estrangeirismos.

2 Valores associados aos estrangeirismos

A forma como os estrangeirismos são recepcionados no português brasileiro está condicionada a um conjunto de valores que estão difundidos socialmente e que afetam a forma como os falantes lidam com esse fenômeno da língua. No Brasil, a relação que os falantes possuem com os estrangeirismos costuma ter uma natureza ambivalente. De um lado, associações simbólicas em relação à língua de origem podem conferir aos estrangeirismos valores positivos, a exemplo do inglês, língua de forte difusão planetária, quando associada ao apelo ao consumo e a modernidade tecnológica pode conferir aos estrangeirismos *status* de prestígio, por outro lado, os estrangeirismos também estão associados à ameaça à integridade da língua por parte de falantes propensos a assumir atitudes puristas em relação à língua, por esse ponto de vista a presença de termos em inglês é visto como uma ameaça que deve combatida.

2.1 Estrangeirismos como valor de prestígio

Em relação ao uso de estrangeirismos, Xatara (2001) chama atenção para o fato de que, quando o falante acaba optando por um termo emprestado de outro idioma, mesmo havendo um termo correspondente em sua língua materna, há uma questão possivelmente relacionada ao “valor” que o falante atribui à sua própria língua e do seu alcance para seu interlocutor. Nesse ponto, questões relacionadas à conjuntura política, social e econômica de uma nação acabam adentrando a esfera linguística e afetando a visão que os falantes possuem da sua própria língua e das demais. É o que acontece com o inglês, língua de destaque no cenário global que exerce forte influência nos falantes de outras línguas.

Em sua geopolítica, o inglês é uma língua de difusão planetária, constituindo grandes grupos de populações onde é uma língua materna (Reino Unido, Austrália, Nova Zelândia, África do Sul, Estados Unidos, Canadá etc.); para os outros países, é a língua do poder, seja político, econômico, comercial, cultural, tecnológico etc. Mesmo em países que já possuem uma língua de grande difusão, como é o caso do português no Brasil, o inglês se mostra atraente como opção de segunda língua se não

pelo seu peso político, mas por seu sucesso no campo da vida científica, industrial e econômica (LE BRETON, 2005).

Olhando para a economia, ainda temos o fenômeno da globalização como elemento potencializador da influência anglófona no mundo. Com a globalização, a crescente influência de uma língua sobre outra se apresenta como uma estratégia de expansão comercial, uma vez que é através da língua que a economia e a tecnologia se expressam e se difundem mundialmente a favor de conquistar espaço no comércio mundial. Nos últimos anos, não coincidentemente, essa presença de amplitude hegemônica tem sido o inglês, língua de uma das maiores potências econômica e política do mundo (LABATE, 2008). Isso explica a grande influência que o inglês possui não só no Brasil, mas em todo o planeta.

A sua difusão mundial como uma estratégia de mercado, como forma de intermediar as relações comerciais e conquistar espaço no comércio mundial é um dos pontos que torna o inglês uma fonte tão produtiva de empréstimos. Outro ponto é o que isso acaba representando simbolicamente, como uma língua representante da tecnologia, do consumo e de poder político, econômico e cultural (GARCEZ, ZILLES, 2004). Garcez e Zilles (2004) ainda observam que, por insegurança, o brasileiro acaba se espelhando em padrões externos. Como atualmente os Estados Unidos são vistos como ideal de poder econômico e tecnológico, os anglicismos se tornaram uma marca de diferenciação competitiva que separa aqueles que possuem o capital social do consumo e os que não possuem.

Alinhado a essa ideia, Rajagopalan (2003) ressalta que, no Brasil, o inglês se tornou uma mercadoria sobre a qual se construiu um fetiche, passando a ser comercializada de forma agressiva e arrogante, imposta, em muitos casos, não só como um requisito importante para o sucesso no mundo do trabalho, mas como um passaporte para o mundo. Para a classe média ou jovens ricos, o inglês se torna uma marca de reafirmação da sua condição burguesa, situação que é sagazmente explorada pelos profissionais de marketing. As associações que circundam o inglês são exploradas pelas mídias, seja no campo do entretenimento, da publicidade, da informação, processo que ajuda a influenciar a visão dos falantes em relação à língua (GARCEZ, ZILLES, 2004).

Examinando o crescente processo de uso de palavras em inglês para nomear produtos e estabelecimentos comerciais nos mais diversos

setores da sociedade, Magnani (2014) argumenta que o uso do inglês se tornou uma mercadoria. A autora cita casos em que a presença do inglês é apenas simbólica, como quando há a duplicação de letras como *tt*, *zz* ou *xx*, não comum no português, mas usada como recurso para fazer lembrar palavras estrangeiras, criando um efeito de associação com a grafia da língua inglesa, a exemplo dos nomes *Attrattiva*, *Maxxima Calçados* e *Tok*, lojas catalogadas pela autora em sua pesquisa.

Com objetivo semelhante, Paiva et. al (2002) investigaram a principal motivação que levou empresários da cidade de Arapongas, no interior do Paraná, a adotarem palavras do inglês para nomearem os seus estabelecimentos. Os autores identificaram 161 estabelecimentos com estrangeirismos no nome, desses, 85 com palavras em inglês, sendo entrevistados 36 proprietários. A maioria das respostas sinalizou o prestígio social que as palavras em inglês possuem como o principal motivo que fundamentou a escolha pelos termos.

Em outro estudo sobre o uso de estrangeirismos em estabelecimentos comerciais, ao analisar os recursos linguísticos e visuais que constituíam as fachadas de uma avenida comercial de Belo Horizonte, capital de Minas Gerais, Soares (2019) observou que os estrangeirismos compõem um discurso multimodal, com as palavras associadas a recursos visuais expressos nas placas, fachadas e letreiros, servindo como estratégia persuasiva, ao mesmo tempo que também funcionam como estratégia de estratificação social, uma vez que seduzem e persuadem o público a comprar, mas não qualquer público e sim uma clientela selecionada. Os recursos linguísticos mobilizados servem para selecionar e direcionar a sua mensagem para um público idealizado.

O fato de o inglês ser usado pelo comércio como estratégia para atrair e atingir um público-alvo revela um grau de consciência social do valor de prestígio e do poder de diferenciação que esta língua possui no universo de consumo.

2.2 Estrangeirismos como ameaça

Vimos anteriormente o inglês como uma fonte produtiva de empréstimos, e que isso pode estar associado à estratégia comercial da máquina capitalista americana, acompanhado da forma como a mídia brasileira explora as associações semióticas em torno dessa língua. Este

aspecto evidencia que a relação de empréstimos entre duas línguas não é neutra e, portanto, também não é isenta de conflitos.

Por envolver questões de cunho político-social que se misturam às discussões a respeito da natureza social da língua, tornando-a um território de conflitos e disputas em que entram em jogo questões relacionadas à identidade nacional e formas e usos políticos da língua.

Olhando para a história do Brasil, Oliveira (2000) aponta que temos pelo menos dois exemplos de casos de violência institucional em relação à língua dentro da temática dos estrangeirismos com a presença do Estado intervindo legalmente sobre os usos que os falantes fazem da língua. O primeiro fato foi a lei estabelecida pelo Marquês de Pombal em 1757 que proibia o uso de qualquer outra língua que não fosse o português como uma forma de obrigar os indígenas a falarem o idioma do seu colonizador, promovendo um glotocídio, devido à substituição das línguas indígenas pelo português (OLIVEIRA, 2000). Nesse exemplo a língua, além de ser usada como elemento unificador da identidade de um povo, também visava facilitar a administração portuguesa sobre a colônia.

O segundo acontecimento foi no século XX, quando o presidente Getúlio Vargas proibiu o ensino do alemão e do italiano nas regiões do Sul do país. A iniciativa, além de apresentar a desculpa de fortalecer a identidade nacional concentrando-se no uso da língua oficial brasileira, ou seja, o português, também se encaixava no contexto político da Segunda Guerra Mundial, na época o alemão e o italiano representavam a língua dos inimigos políticos do Brasil, portanto esses idiomas eram rechaçados como forma de preservar o território brasileiro da presença inimiga. Oliveira (2000) lembra que o governo de Santa Catarina manteve um campo de trabalho forçado para os falantes que insistiam em falar a língua de imigrante, e que as crianças eram incentivadas, nas escolas, a entregarem seus pais acaso os visse falando alemão ou italiano.

Esses fatos mostram que a relação entre duas ou mais línguas quase sempre não ocorre de maneira pacífica no Brasil. Como símbolo de identidade e soberania de um povo, a língua pode ser vista como elemento unificador de uma nação. Nesse ponto, a presença de uma língua estrangeira pode ser vista como uma ameaça. A língua também pode ser usada como forma de exercer o poder político sobre um povo ou uma comunidade, nesse sentido ela se torna objeto de controle e dominação.

Rajagopalan (2003) explica que grande parte da desconfiança do brasileiro em relação à presença do inglês tem origem na Segunda Guerra

Mundial, quando apesar de escolher uma posição neutra, no conflito mundial, o então presidente Getúlio Vargas, mantinha relações escusas com o terceiro Reich, chegando, inclusive a deportar cidadãos judeus, justificando uma certa vigilância dos Estados Unidos. Essa relação de tensão entre os países, mascarada por uma falsa diplomacia, sobreviveu até as décadas presentes, com o interesse americano pelo Mercosul, grupo de que o Brasil faz parte. Alia-se a isso a forma arrogante com a qual os países anglófonos (em especial Inglaterra e Estados Unidos) mantêm a sua política externa e a agressividade com que o inglês é explorado pelo marketing. Para o autor, esses fatores explicam a rejeição psicológica em relação ao inglês por parte de alguns falantes.

Outro ponto importante é que a língua também carrega uma bagagem alegórica representativa da cultura à qual ela está vinculada. Ao tomarem emprestados os elementos de outra língua, os falantes também incorporam valores simbólicos que permeiam a língua emprestada, a exemplo do inglês, uma língua que, por sua importância política e econômica, tem se apresentado como uma fonte produtiva de empréstimo em todo o mundo. Quando palavras dessa língua adentram em outra, elas vêm carregadas da simbologia associada à nação de origem, que, no caso dos Estados Unidos, pode variar entre a noção de dinamismo e modernidade tecnológica à qual a língua é associada até ao perigo de dominação ideológica que a potência norte americana representa em todo o planeta (GARCEZ; ZILLES, 2004).

A consciência dessas representações, muitas vezes, é o que determina a escolha por um item emprestado ou um item vernacular, como quando escolhemos a palavra *crush* ao invés de *paixonite*, por sabermos que ambas podem desencadear efeitos discursivos diferentes, apesar de os significados corresponderem.

Além de motivar escolhas, essas associações também podem influenciar a visão e os sentimentos que os falantes possuem a respeito da presença desses empréstimos na sua língua, determinando o que chamamos de atitudes linguísticas, que, na perspectiva da sociolinguística, refere-se ao julgamento valorativo em relação a certos usos linguísticos por parte dos falantes, esse julgamento pode ser tanto positivo quanto negativo (GARRET, 2010).

Adentramos, assim, em outra dimensão que envolve os estrangeirismos: o fato de esses itens despertarem em alguns falantes um comportamento defensivo e conservador em relação à própria língua.

Chamamos esse comportamento de cuidado e zelo à língua de purismo, que se baseia na ideia equivocada de que a língua é pura e que essa suposta pureza precisa ser preservada de elementos que possam comprometer a sua integridade (FARACO, 2001, LEITE, 1997).

Assim, no imaginário social, as associações simbólicas a respeito do inglês, maior fonte de empréstimos da atualidade, e concepções puristas de defesa e conservação da língua, muitas vezes convergem e influenciam a concepção que os falantes têm a respeito da presença dos estrangeirismos em nossa língua.

Um exemplo emblemático da confluência entre ideologia puristas e posicionamento anti-imperialista foi o Projeto de Lei 1676/1999, de autoria de Aldo Rebelo, deputado federal do Partido PCdoB na época, que visava, dispor “sobre a promoção, a proteção, a defesa e o uso da língua portuguesa e dá outras providências”. (BRASIL, 1999).

Em sua justificação, a PL criada pelo deputado defende a ideia de que existe uma invasão indiscriminada de estrangeirismos e de que isso tem provocado a descaracterização do idioma a ponto de poder prejudicar a comunicação com o homem do campo que não dispõe de habilidades bilíngues. Diante disso o projeto propõe a substituição das palavras e expressões estrangeiras, estabelecendo, em sua primeira versão, sanções para quem não cumprir as orientações previstas na PL.

Em 2009, uma iniciativa semelhante foi protocolada, dessa vez no âmbito estadual, com o Projeto de lei 156/2009, de autoria do deputado estadual pelo Rio Grande do Sul Raul Carrion, que obrigava a tradução de qualquer expressão ou palavra de origem estrangeira por palavras portuguesas sempre que houvesse uma tradução equivalente na amplitude do estado do Rio Grande do Sul (BRASIL, 2009).

Ambos os projetos não se tornaram leis. O segundo, talvez por se restringir ao âmbito estadual, não provocou muita repercussão. Mas o primeiro, entretanto, provocou discussão entre os intelectuais e a comunidade acadêmica, inspirando estudos e publicações voltados à temática dos estrangeirismos (FARACO, 2001, 2004; RAJAGOPALAN, 2003; 2005; VIEIRA; MOURA, 2000).

Rajagopalan (2003) associa a adesão da sociedade ao projeto de lei a dois pontos: primeiro, a grande tensão que sempre existiu entre os dois lados das Américas, Norte e Sul; e, segundo, o povo brasileiro é afeito a adotar teorias conspiratórias em relação aos interesses e possíveis intervenções escusas dos Estados Unidos no patrimônio e na política

brasileira. Devido a esses dois fatores, a proposta legislativa de Aldo Rebelo despertou grande interesse público.

Assim, podemos dizer que a desconfiança em relação aos estrangeirismos no Brasil é resultado do histórico de políticas linguísticas homogeneizantes que objetivaram reprimir manifestações de uma cultura plurilíngue no Brasil, e que de certa forma ainda ocorrem atualmente a exemplo da PL do Aldo Rebelo e que ainda se manifestam sob a esfera do purismo linguístico.

Purismo pode ser compreendido como um comportamento valorativo em relação a uma imaginária condição de pureza da língua. Dessa concepção se pressupõe a necessidade de sua proteção e preservação diante de ameaças que possam degenerá-la e, portanto, tornar a língua inferior.

O pensamento purista defende a crença de que a língua em sua natureza é pura e assim deve ser mantida, protegida das ameaças, que, nesse caso, pode ter origem externas, ou seja, a influência de outras línguas, ou origem interna, como fenômenos de mudança dentro da própria língua. Assim, o purismo pressupõe a ideia de uma língua pura, homogênea e imutável, quando na realidade, as evidências científicas mostram que as línguas são dinâmicas, heterogêneas e variáveis (FARACO, 2001). Em outras palavras, o purismo se baseia em um mito ideológico (SANTOS, 2008).

Leite (1997) explica que a concepção tradicional do purismo tem origem na Grécia Antiga, quando Aristóteles pregava, em relação à retórica, a ideia da pureza da linguagem, que se referia ao texto estar organizado de uma forma que fosse possível ao orador transmitir suas ideias de forma clara e eficiente. Ao longo do tempo o termo foi perdendo equivalência semântica com o purismo clássico e passou a representar um comportamento regulador em relação à língua, contribuindo para o fortalecimento de um ideal de língua que favorece a manutenção das diferenças como forma de manter espaços sociais de poder.

Esse distanciamento semântico não é qualidade apenas da ideia de purismo em si, segundo Faraco (2008), algo semelhante aconteceu com o conceito de norma culta, que, em sua gênese, era usado para designar um tipo de norma urbana com certo grau de monitoramento e representante da cultura letrada, mas que passou a ser usado posteriormente como sinônimo de gramática, e então passando a representar uma gama de preceitos extremamente conservadores e pseudopuristas, servindo para

justificar um comportamento regulador de certo e errado em relação aos usos da língua.

Faraco ainda explica que, quando falamos de uma língua, estamos falando de um conjunto heterogêneo de variedades, assim, quando nos referimos ao português estamos falando de um conjunto de variedades que compõem o português. E observa que a dificuldade de entender a língua como uma realidade variável e heterogênea, deve-se sobretudo à imagem cultivada pela gramática fortemente difundida pela escola e instituições sociais em que cristaliza apenas uma variedade, apresentando-a como única e excluindo as outras, classificando-as como formas incorretas (FARACO, 2005). Para Freitag et al (2020), a não aceitação dessas diferenças é responsável pelo preconceito linguístico, fortemente difundido pelos meios sociais, e inclusive, no ambiente escolar.

Assim, ambas as concepções, tanto o normativismo quanto o purismo, parecem assumir princípios semelhantes, estão assentados na dificuldade de entender a língua em sua realidade social, com sua natureza variável que a torna um espaço de pluralidades. No entanto, a reação ao purismo é extremada e pode gerar ações com o poder de interferir no cotidiano das pessoas, de cima para baixo, como as proposições de leis, a exemplo da PL do Aldo Rebelo.

3 Ideologias e atitudes linguísticas

Para entender como as reações, positivas ou negativas, sobre os estrangeirismos são formuladas, precisamos recorrer a conceitos alinhados ao campo de estudos do processamento da variação linguística, como a consciência e a saliência.

Do ponto de vista do processamento da variação linguística, é assumido que os falantes possuem diferentes níveis de consciência linguística (aspectos estruturais e gramaticais da língua) e sociolinguística (fenômenos linguísticos socialmente situados), e fazem uso delas para julgar fenômenos da língua e em alguns casos, moldar o seu comportamento linguístico (FREITAG, 2018, 2021).

Quando os falantes procuram explicar determinados fatos da língua, fazendo correlação com contextos sociais, eles se valem da sua consciência sociolinguística, mesmo que suas avaliações e julgamentos não tenham muita propriedade científica. O grau de consciência sociolinguística é importante porque, com base em suas crenças e

juízos, os falantes costumam determinar o seu comportamento. É o que acontece, por exemplo, quando os falantes optam por certos usos linguísticos em função do seu grau de prestígio. Entretanto, ainda sabemos muito pouco sobre como eles processam esse conhecimento sociolinguístico (FREITAG, 2021).

Freitag (2021) questiona por que os falantes prestam atenção a certos traços da língua e outros não. Qual gatilho faz com que os falantes façam correlações a perfis sociais ou psicológicos ao julgar esses traços linguísticos? Trazendo estes questionamentos para nosso campo de estudos, em relação aos estrangeirismos, por que os falantes se incomodam com alguns usos e outros não?

Para Trudgill (1986), a diferença fonética é um fator importante para explicar um maior ou menor grau de consciência dos falantes. Um falante de uma língua consegue reconhecer e classificar uma palavra como pertencente ao seu idioma ou não de acordo com as combinações dos traços fonéticos que ele reconhece (ainda que inconscientemente) como sendo pertencentes à sua língua, distinguindo assim uma palavra como estrangeira ou vernacular, mesmo que seja um vocábulo que ele nunca tenha visto antes. Essa propriedade pode explicar o comportamento dos falantes em relação aos estrangeirismos, principalmente aqueles estrangeirismos em que a forma escrita e a realização fonética são bastante diferentes da forma brasileira. Garret (2010) afirma que atributos fonéticos das palavras podem provocar atitudes linguísticas dos falantes, tanto positivas ou negativas, ainda que saibamos muito pouco sobre os mecanismos que influenciam esse fenômeno.

Tanto para os estudos de processamento da variação linguística como de atitudes linguísticas, são utilizadas pistas linguísticas para investigar ou o grau de percepção dos falantes ou o tipo de avaliação subjetiva em relação a determinados fenômenos linguísticos (FREITAG 2016; 2021). Em relação à atitude, esta é entendida como “uma orientação avaliativa para um objeto social de algum tipo, se é uma língua, ou uma nova política de governo, etc.” (GARRET, 2010, p. 20). Apesar de considerar a atitude de difícil conceituação, complexa e de difícil mensuração, Garret (2010) admite que ela pode ser identificável através do seu grau de estabilidade.

Garret (2010) aponta diferentes fatores e contextos que podem suscitar atitudes nas pessoas. Um desses fatores, como mostramos acima, são as palavras. Seja pelos atributos fonéticos (fonoestética) seja por

conotações sociais a elas indexadas, as palavras produzem efeito sobre as atitudes e o comportamento das pessoas. Não é por acaso que as empresas investem em pesquisas e tomam certos cuidados na escolha de nomes de marcas ou de organizações. Isso também vale para os discursos políticos, que costumam ser meticulosamente planejados a fim de que a escolha das palavras adequadas desencadeie as conotações e atitudes esperadas nas pessoas.

Outro fator apontado por Garret (2010) e que merece atenção no nosso estudo sobre estrangeirismos é a construção de ideologias a respeito de uma norma padrão, na qual os falantes se baseiam para determinar o que é certo e errado na língua. Os instrumentos normativos são utilizados como autoridade legitimadora dessa norma, ainda que concepções fruto do senso comum também se misturem às concepções dos falantes e lhe sirvam como parâmetro para promover julgamentos linguísticos e determinar o que é uso de prestígio ou de desprestígio. A sociolinguística costuma prover evidências da associação entre formas e perfis sociais. No entanto, a noção de prestígio também é associada às línguas, denotando atitudes valorativas das pessoas em relação a elas, ou evocando associações entre duas línguas, a exemplo da ideia equivocada de que algumas línguas são impróprias para determinadas funções, ou a ideia de que a língua não é boa se ela recorre a empréstimos.

Atitudes podem ser entendidas a partir de três dimensões: afetiva, cognitiva e comportamental. A dimensão afetiva é relacionada à forma como as emoções em volta de um objeto são administradas, podendo pender para favorável ou desfavorável, positivo ou negativo. A dimensão cognitiva envolve crenças, valores e relações lógicas construídas em volta desse objeto; e a dimensão comportamental tem a ver com as reações, e uma predisposição para agir, geralmente de acordo com os julgamentos cognitivos e afetivos da pessoa. Entretanto, é difícil dizer até que ponto esses aspectos trabalham juntos e em que circunstâncias (GARRETT, 2010). Um dos desafios de se estudar atitudes tem a ver com a sua complexidade, e com o fato de elas apresentarem várias facetas e manifestações, o que nos obriga a analisar quais os contextos e facetas podem se mostrar reveladores em relação às atitudes que se almeja observar.

As atitudes são aprendidas a partir da interação social. Aprendemos observando comportamentos e suas consequências. Esse aspecto da atitude revela muito sobre o comportamento linguístico,

como por exemplo, quando os falantes evitam fazer uso de certos traços linguísticos estigmatizados como forma de evitar o julgamento social. Atitudes não operam apenas através de nossos comportamentos diante dos outros, como, por exemplo, através de reações, mas também operam na forma de previsões sobre o que o outro pode esperar do nosso discurso, e isso pode levar a um certo ajuste do nosso comportamento para atender as expectativas alheias (determinar a forma como eu quero ser visto, que identidade de grupo possuo etc.) ou as regras comunicativas.

Intimamente ligadas às atitudes, estão os estereótipos e as ideologias. Garret (2010) define estereótipos como processos cognitivos que consistem em dividir o mundo em grupos sociais, em categorias, com base nas características compartilhadas.. Entretanto, o problema dos estereótipos é que eles tendem a exagerar essas características, criando generalizações. Eles podem ser negativos ou positivos, e estão propensos a incorporar respostas afetivas.

Já ideologia compreende “um conjunto padronizado, mas naturalizado, de pressupostos e valores sobre como o mundo funciona, um conjunto que está associado com um determinado grupo social ou cultural” (GARRET, 2010, p. 34). Valores e crenças associadas a categorizações com forte apelo ideológico podem contribuir para influenciar a imagem de determinado grupo, levando a suposições estereotipadas sobre características compartilhadas por membros do grupo. Assim, estereótipos e ideologias acabam operando juntos. Ao ajudar a reforçar valores e pressupostos referentes à forma como o mundo funciona, os estereótipos ajudam a reforçar certas ideologias, contribuindo para a manutenção das desigualdades (GARRET, 2010).

Neste trabalho, buscamos identificar as ideologias subjacentes aos estrangeirismos que circulam no Brasil, a fim de contribuir para a desconstrução da estereotipia da língua.

4 Procedimentos metodológicos

Segundo Freitag, (2016, p. 900), o tratamento societal corresponde a um “estudo de caráter etnográfico, onde os dados são colhidos a partir de várias fontes de domínio público, como documentos oficiais, propagandas, televisão e, também, redes sociais”.

Ao analisar o conteúdo produzido pela sociedade e de domínio público, é possível obter insights sobre significados sociais, redes de

associações e o tratamento direcionado a fenômenos linguísticos na sociedade (GARRET, 2010).

Buscando entender os mais diversos pontos de vistas dos falantes em relação ao fenômeno estudado, concentramo-nos no objetivo capturar o que é dito sobre os estrangeirismos nas publicações compartilhadas na internet. Para tanto, foram feitas buscas no Google imagem, utilizando as palavras chaves: *estrangeirismos*, *estrangeirismos e memes*, *memes* e à medida que o buscador fornecia sugestões de palavras-chaves, foram utilizados também os buscadores *cartum*, *tirinha*, *quadrinho*, *charge*, *empréstimos linguísticos* e *palavras estrangeiras*.

A intenção original seria coletar apenas materiais do gênero textual *meme*, devido a sua popularidade e poder de circulação possibilitar fornecer dados interessantes sobre a língua em uso, porém, à medida que se avaliava a diversidade de materiais apresentada pelo google imagens, optou-se por coletar também os materiais que se encaixavam em outros gêneros textuais como *tirinhas*, *cartum* e *charge*.

Além das buscas no Google, foram feitas pesquisas também em redes sociais como Twitter e Facebook utilizando palavras chaves como *estrangeirismos*, *estrangeirismos e memes* e *memes*. Como registro, foram feitas capturas de tela, coletados links dos sites, além de dados importantes como data da publicação e registros de interação das postagens. A coleta foi realizada no mês de julho de 2021. No total foram coletados 40 materiais que foram classificados de acordo com gênero textual pertencente, quais sejam, *cartum*, *tirinha*, *charge*, *meme* e *tweet*.

Ao longo do processo de pesquisa foram feitas revisitas aos sites que hospedavam esses materiais a fim de checar a acessibilidade dos dados, assim como atualização das informações coletadas inicialmente sobre esses materiais.

Durante as buscas no Google e nas redes sociais como Twitter e Facebook, alguns critérios foram utilizados como seleção em meio à variedade apresentada pelas plataformas, especialmente o Google imagens. Foram eles: a) disponibilidade: a postagem deveria estar disponível para acesso e coleta de dados, não apenas a imagem, mas a página na qual ela estava sendo veiculada deveria estar aberta ao público; b) ter relação com os estrangeirismos (a intenção do discurso estar direcionada direta ou indiretamente aos estrangeirismos); c) apresentar um discurso ou ponto de vista significativo (muitas das imagens eram meras ilustrações ou letreiros de apresentação de tópicos mostrando-se

gêneros textuais imprecisos além da possibilidade de interpretação ser bastante ambígua).

Os achados foram inicialmente salvos em uma pasta, armazenados no formato JPG, ao mesmo tempo em que dados importantes a respeito desses materiais eram organizados em uma tabela no formato *xlsx* contendo detalhes como: nome, tipo textual, link de acesso, local de hospedagem, data de publicação, se o material, caso tenha sido publicado em uma rede social, tem comentários, tipo de linguagem, outras datas e locais de origem (quando disponível). Dentre os achados, foram observadas ideias sobre a língua que se repetiam¹ nos materiais, com mudanças pouco significativas. Nesses casos, foi selecionado um como exemplo a ser analisado, desconsiderando os demais por conta da semelhança. Além da falta originalidade de alguns materiais, outro critério de exclusão é a falta de clareza da ideologia. Em alguns dos achados, apesar de haver claramente uma opinião dos falantes, não é possível identificar a ideologia linguística a respeito dos estrangeirismos presente². Em suma, quando os materiais eram imprecisos, ambíguos e irrelevantes, eles foram eliminados do estudo.

Os materiais selecionados podem ser classificados, em função da estrutura, nos seguintes tipos:

- (1) Linguagem verbal + linguagem visual ou imagética em equivalência (interação entre elementos visuais e verbais, com complementação de sentido) (ver Figura 1).

¹ Dentre os achados, foram observadas ideias que se repetiam, demonstrando o mesmo padrão, porém com mudanças pouco significativas de diferenciação. Exemplo de argumentos repetidos: “Ele não quer um retorno dela, ele quer um *feedback*”; “Essa banda não tem muitos sucessos, ela tem muitos *hits*”. Como é possível notar, existe um padrão entre eles, apresentando a ideia de substituir uma palavra vernacular (*sucesso*, *retorno*) por uma expressão em inglês (*hits*, *feedback*). As frases são semelhantes, variando apenas o tema abordado em cada figura. Por apresentarem o mesmo padrão, foi considerado apenas um exemplo dentre o grupo de achados.

² Como outro exemplo de exclusão, temos a tirinha da série *Matilda* que faz alusão a diferença cultural no uso dos estrangeirismos em diferentes países (a palavra sala de estar que para eles é *living*), apresentando a ideia de confusão provocada por essa diferença cultural dos usos. Apesar das ideologias presentes, ela foi considerada irrelevante por não se encaixar completamente dentro das ideologias mapeadas.

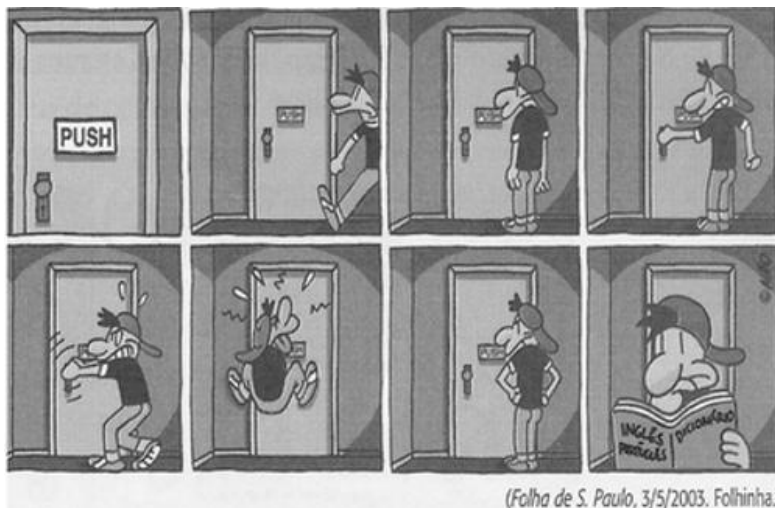
- (2) Predominância da linguagem visual + linguagem verbal (apesar de ter pouco destaque, os elementos verbais contribuem para completar o sentido) (Ver figura 2).
- (3) Predominância da linguagem verbal (os elementos imagéticos não contribuem substancialmente para o sentido) (Ver figura 3).

FIGURA 1 – Exemplo dos achados do tipo 1



Fonte: Site Entrelinhas da vida1, 2014.

FIGURA 2– Exemplo dos achados do tipo 2



(Folha de S. Paulo, 3/5/2003. Folhinha.)

Fonte: Site A redação, 2014.

FIGURA 3 – Exemplo dos achados do tipo 3



Fonte: Twitter, 2021.

Os itens coletados foram organizados quanto à semelhança em relação ao posicionamento que apresentavam, dos quais apenas dois de cada grupo foram selecionados para análise nesse estudo. Para a organização dos pontos de vista expressos nesses materiais, buscou-se apoio na construção apresentada na seção anterior (2.1, 2.2) sobre aspectos positivos e negativos associados aos estrangeirismos, a fim de se analisar a metalinguagem apresentada no *corpus*.

Após o exame dos direcionamentos discursivos apresentados nesses achados, propomos uma classificação em relação aos posicionamentos apresentados tendo como base descrições apresentadas em estudos como Assis (2007) Faraco (2001; 2004), Fiorin (2004), Garcez; Zilles (2004), Possenti, (2004), Schmitz (2004),,), e Soares (2019). Foi possível identificar seis ideologias, sendo elas: 1) estrangeirismos em excesso; 2) estrangeirismos como vício de linguagem; 3) estrangeirismos vistos como colonização ou dominação ideológica; 4) estrangeirismos dificultam a compreensão; 5) estrangeirismos como escolha estilística; 6) estrangeirismos através do viés da naturalização.

5 As ideologias associadas aos estrangeirismos

5.1 Estrangeirismos em excesso

Um dos argumentos comuns utilizados pelos críticos dos estrangeirismos relaciona-se com a sua frequência, a ideia de que existe um uso exagerado de expressões estrangeiras nos letreiros, nos enunciados, na fala das pessoas. Essa suposta abundância é vista como uma ameaça a uma suposta pureza da língua.

O argumento de que existem estrangeirismos em excesso serve como base para outras premissas, como a dominação cultural, a descaracterização da língua e com ela a própria identidade nacional, conforme podemos ver na tirinha do Ziraldo (Figura 4), publicada originalmente no Jornal do Brasil em 2004. Na tirinha, a nacionalidade das crianças é colocada em dúvida em decorrência das expressões em inglês que elas utilizam com frequência.

FIGURA 4 – Exemplo do grupo “Estrangeirismos em excesso”



Fonte: Blog Descomplica, 2015.

Em outra tirinha de um autor desconhecido (Figura 5), vemos os estrangeirismos em excesso como responsáveis pela crise de identidade cultural da criança. Diferentemente do caso anterior, as palavras estrangeiras em destaque não estão nas falas das crianças e sim nas fachadas das lojas. Para Soares (2019), os estrangeirismos, associados a recursos visuais nas fachadas das lojas, funcionam como um discurso

de persuasão e de seleção de público-alvo consumidor, mostrando que, nesse caso, os estrangeirismos são usados com um objetivo específico, ou seja, uma estratégia comercial. No entanto, na tirinha, as palavras estrangeiras nas fachadas das lojas são responsáveis pela insegurança da criança em relação ao conceito de cultura nacional.

FIGURA 5 – Exemplo do grupo “Estrangeirismos em excesso”



ZIRALDO. Menino Maluquinho. In: *Jornal do Brasil*, 4 maio 2004

Fonte: Blog dos Cursos, 2016.

Nos exemplos mostrados, observamos a presença de um posicionamento em relação a um tipo de estrangeirismo específico, os anglicismos, ou seja, as palavras e expressões em inglês. Assis (2007, p. 20) afirma que os anglicismos podem ser vistos por alguns falantes como uma invasão, em uma tentativa de imposição da cultura americana e, por isso, deveriam ser combatidos. Para a autora, esse posicionamento se baseia em uma visão purista da língua, em que se acredita que a língua deve ser mantida preservada de ameaças externas.

Para Faraco (2001), justificar os contatos linguísticos a partir das perspectivas de dominação de uma cultura sobre outra, ou de dominação ideológica ou reduzi-los à classificação simplista de invasão, é um ponto de vista que ignora os diferentes fatores envolvidos no processo de incorporação de itens lexicais de uma língua por outra. Trata-se de um processo complexo e muitas vezes imprevisível, afinal, “a percepção da complexidade dos eventos e situações de contato” (FARACO, 2001, p. 136), não são realidades homogêneas.

Garcez e Zilles (2004), argumentam que existe, de fato, uma avalanche de anglicismos presentes na língua portuguesa. Contudo,

ressaltam que o inglês é a língua de mediação da tecnologia, das pesquisas científicas, do universo do consumo e dos negócios, possuindo assim um grande repositório de recursos simbólicos, econômicos e sociais muito bem explorado pelos veículos de informação e publicidade em apelos de associações semióticas.

5.2 Estrangeirismos como um vício de linguagem

A ideia de que existe um uso necessário ou desnecessário de estrangeirismos é uma ideia que ainda é apresentada explícita e implicitamente, inclusive por teóricos e gramáticos. Para Xatara (2001), a substituição de palavras estrangeiras por correspondentes em português evitaria que os estrangeirismos concorressem ou suplantassem os termos vernaculares e por isso seria importante o trabalho de lexicólogos ou terminólogos na produção de neologismos correspondentes.

A intolerância contra a presença desses empréstimos linguísticos também é vista em gramáticas, nas quais existe um repúdio ao seu uso. Cegalla (2008), por exemplo, em sua gramática, coloca os estrangeirismos na seção de vícios de linguagem e afirma que o seu uso deve se fazer nos casos em que são necessários, ou seja, quando não há palavras correspondentes no português, além disso, o autor diz que “o abuso de estrangeirismos torna o texto pedante e obscuro” (CEGALLA, 2008, p. 634), apresentando, em seguida, alguns estrangeirismos e os termos que devem ser usados em substituição colocados como a forma correta.

Atitude semelhante é reproduzida no meme de autor desconhecido (Figura 6), no qual são apresentados alguns estrangeirismos seguidos de vocábulos correspondentes como sugestão de substituição. A figura de um homem de braços cruzados, possivelmente Camões, passa a ideia de insatisfação, como se o uso dos estrangeirismos estivesse agredindo a língua de Camões, ou seja, o português.

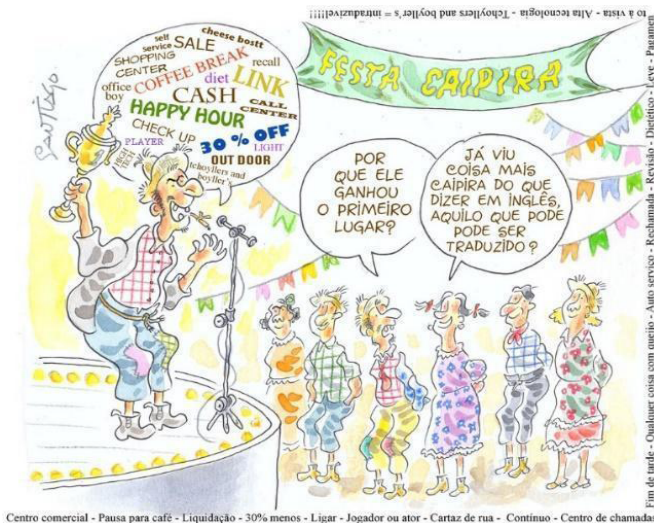
FIGURA 6 – Exemplo do grupo “Estrangeirismos como um vício de linguagem”



Fonte: Blog Sweet Stuff, 2016.

No meme seguinte (Figura 7), que tem como autor Santiago, há uma ideia semelhante de repúdio às expressões estrangeiras, mas com uma crítica voltada às escolhas estilísticas do personagem que é tido como caipira por estar proferindo uma profusão de estrangeirismos. Como uma forma de tornar os termos em inglês menos obscuros, a tirinha apresenta a tradução dessas palavras no final da folha para consulta. Nos dois casos, o português e o inglês são colocados em oposição, havendo, de maneira implícita, um julgamento de valor.

FIGURA 7 – Exemplo do grupo “Estrangeirismos como um vício de linguagem”



Fonte: Site Ciberdúvidas da Língua Portuguesa, 2016.

Schmitz (2004), ao se referir especialmente ao adjetivo *caipira* utilizado como qualificação para o uso de estrangeirismos pelos falantes brasileiros por meio dos inimigos dos estrangeirismos, lembra a problemática da expressão, já que se refere a uma classe social excluída, com alto índice de analfabetismo, e, portanto, sem condições de acesso à variedade de prestígio da língua. Para o autor, “os indivíduos que criticam a presença de estrangeirismos também condenam o português popular, regional e informal” (SCHMITZ, 2004, p. 99).

Aldo Rebelo diz, em seu projeto de lei já mencionado, que uma das explicações para o crescente fenômeno dos estrangeirismos está relacionado à ignorância e à falta de senso crítico e estético dos falantes. Para Cardoso (2015), os falantes constroem representações dos fenômenos linguísticos a partir da realidade observada por eles, emitindo opiniões, a partir das quais eles desenvolvem atitudes linguísticas, atribuindo um julgamento e associando valores a esses fenômenos, podendo assumir uma atitude purista ou tolerante em relação a eles, em todo caso, mesmo quando esses falantes se apoiam em argumentos estéticos, esses ainda se resumem a julgamentos sociais.

No caso das figuras deste grupo, nota-se uma reação defensiva frente aos estrangeirismos vindos da língua inglesa, como se a presença de um estrangeirismo desvalorizasse a língua portuguesa. Daí surge a tentativa de valorização da língua portuguesa através de ataques ao uso dos estrangeirismos. Schmitz (2004, p. 97) explica que “o medo de ser engolido e apagado por uma cultura alheia dominante assusta os que têm uma postura nacionalista.”

Vieira e Moura (2000) caracterizam essa postura como a do monoglota orgulhoso que se recusa a aprender uma língua estrangeira que, à primeira vista lhe parece estranha e desagradável, com a justificativa de que a sua língua materna é mais do que suficiente para ele se expressar como deseja.

5.3 Estrangeirismos como ferramenta de colonização

A ideia de que a língua é usada como um instrumento de dominação ideológica servindo como espaço de colonização, ou seja, de dominação de uma nação sobre outra através de uma possível invasão

lexical, também é uma das ideias apresentadas no Projeto de Lei do deputado Aldo Rebelo. Aparentemente, essa mesma ideia também ecoa nas palavras das pessoas, marcando presença no imaginário social como pode ser observado na fala de um dos usuários do Twitter (Figura 8). Segundo o autor do tweet, substituir estrangeirismos por itens vernaculares é uma forma de descolonizar a linguagem virtual.

FIGURA 8 – Exemplo do grupo “Estrangeirismos como ferramenta de colonização”



Fonte: Twitter (com alterações feitas pela autora), 2021.

Na Figura 9, há uma manifestação explícita contra a isenção de manifestações culturais estrangeiras, a exemplo do *Halloween*, uma data comemorativa de origem celta, mas popularizada pelos Estados Unidos. Além do repúdio da data comemorativa como ameaça à cultura nacional, há também a manifestação contra estrangeirismos com a sugestão direta de substituição por vernáculos nossos.

Os dois exemplos ilustram uma reação contrária a uma possível apropriação de espaços reivindicados como nacionais, como a cultura ou o espaço de interação virtual, mas que se apresentam tomados pela presença estrangeira, a exemplo da celebração e das palavras estrangeiras.

FIGURA 9 – Exemplo do grupo “Estrangeirismos como ferramenta de colonização”



Fonte: Twitter (com alterações feitas pela autora), 2021.

Sobre esse ponto, Garcez, Zilles (2004) explicam que, para as pessoas, é como se o fenômeno de importação dos estrangeirismos só estivesse acontecendo agora, ou seja, nesse momento histórico atual, daí surge a impressão de que há uma invasão de palavras estrangeiras, e que assim, através da língua, os objetivos imperialistas anglo-americano estão sendo colocados em prática através de uma presença insidiosa desses elementos estrangeiros no pensamento dos falantes.

FIGURA 10 – Exemplo do grupo “Estrangeirismos como ferramenta de colonização”



Fonte: Site Entrelinhas da vida1, 2014.

Na tirinha de Chico Bacon (Figura 10), o conceito de colonização parece mais explícito com a retomada da ideia de que os itens lexicais

estrangeiros estão concorrendo, e no caso do exemplo, suplantando, os itens vernaculares. É a presença norte-americana suplantando a nacional através da língua, diante disso, os falantes não encontram mais correspondência de certos significados com itens vernaculares e sim estrangeiros.

5.4 Estrangeirismos dificultam a comunicação

Outra ideia bastante recorrente e identificada em nosso corpus de análise é a de que as palavras estrangeiras presentes em nosso vocabulário funcionam como entraves na comunicação, demandando habilidades bilíngues dos falantes, muitas vezes não alcançadas por todos.

Na tirinha da Folha de São Paulo (Figura 11), podemos ver uma crítica ao estrangeirismo através de palavras conhecidas como falsos cognatos, ou seja, palavras que têm grafia e forma sonora semelhante a palavras em português, mas com significados não correspondentes. Na visão do autor da tirinha, a instrução dada com o uso do estrangeirismo provocou uma confusão, que só foi solucionada com a ajuda de um dicionário de inglês.

FIGURA 11 – Exemplo do grupo “Estrangeirismos dificultam a comunicação”

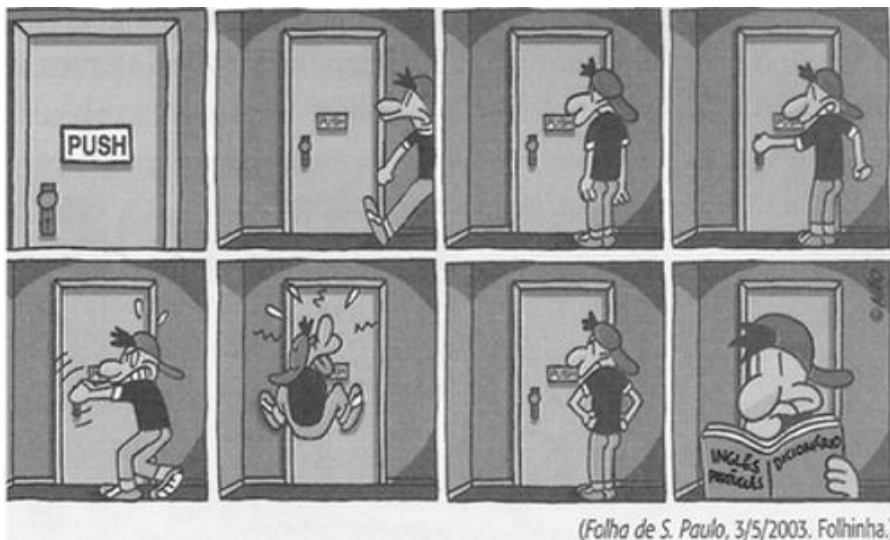


Fonte: Site Entrelinhas da vida, 2014.

No meme de autor desconhecido (Figura 12), a falha na comunicação é provocada pela profusão de estrangeirismos na frase,

montada assim propositalmente, utilizando itens lexicais populares no campo da administração e do cooperativismo. Schmitz (2004) explica que esse tipo de recurso é próprio da retórica da política antiestrangeirista que monta um texto artificial com uma coleção de estrangeirismos para passar a ideia de que o seu uso “é um exagero, um mero capricho ou um bilinguismo forçado” (SCHMITZ, 2004, p. 97).

FIGURA 12 – Exemplo do grupo “Estrangeirismos dificultam a comunicação”



Fonte: Site A redação, 2014.

Possenti (2004, p. 164) observa que “compreender ou não uma língua ou uma variedade dela é um problema de escolaridade do cidadão e da frequência com que ele é exposto a discursos, e não de nacionalidade da língua ou de origem de um termo”. Ou seja, a problemática de se compreender uma língua não se dá por questões estruturalmente linguísticas, como alguns falantes dão a entender, mas se trata de um problema social, está relacionado ao acesso que os indivíduos possuem a bens culturais e educacionais e como esses elementos estão distribuídos socialmente.

Além disso, para Fiorin (2004, p. 112-113), a ideia de que estrangeirismos em excesso prejudicam a comunicação é uma ideia preconceituosa, porque dá a entender que certa parcela da população tem dificuldades naturais de aprendizagem. Mesmo que assim fosse, o fato não se configura uma relação com os estrangeirismos, já que o léxico é aprendido através da vivência das pessoas, e nesse caso, qualquer um é capaz de aprender diversas áreas do vocabulário se isso se fizer uma necessidade em sua realidade.

5.5 Uso naturalizado

Há também situações nas quais o uso dos estrangeirismos se faz de forma natural, de modo que os falantes não conseguem identificá-los como alheio ao nosso vernáculo, e, portanto, estrangeiro, a exemplo do meme de autor desconhecido na Figura 13. No exemplo citado o preenchimento de sentido da palavra estrangeira com outros significados acabou afastando o estrangeirismo semanticamente da forma original.

FIGURA 13 – Exemplo do grupo “Uso naturalizado”



Fonte: Jornal Informe Blumenau, 2020.

No meme seguinte de autoria de Bello (Figura 14) há um exemplo semelhante, no qual o português e o inglês são usados de forma misturada, em uma performance estilística do falante.

FIGURA 14 – Exemplo do grupo “Uso naturalizado”



Fonte: Site Ágora Discursiva, 2016.

Quando um item emprestado adentra uma comunidade linguística, ele pode percorrer três caminhos distintos: (i) pode desaparecer tão rápido quanto surgiu; (ii) pode ser incorporado pelo processo de mudança linguística de um modo tão natural que em poucas décadas sequer seja percebido como empréstimo linguístico; ou (iii) pode permanecer e conservar a sua identidade estrangeira na grafia de modo que ainda é percebidos como estrangeirismo pelo falante (GARCEZ; ZILLES, 2004). Especialmente o processo (ii) explica a existência da ideologia “uso naturalizado” uma vez que descreve esse processo de incorporação dos estrangeirismos ao repertório linguístico dos falantes de forma esses elementos deixam de ser percebidos como estrangeirismos.

Na figura de uma usuária do Twitter (figura 15), esse processo de naturalização se apresenta através da sugestão de adaptação do

estrangeirismo à morfologia do português. A usuária do Twitter, inclusive, dá exemplos de manipulação do léxico estrangeiro na estrutura gramatical do português.

FIGURA 15 – Exemplo do grupo “Uso naturalizado”



Fonte: Twitter (com alterações feitas pela autora), 2021.

Para Faraco (2004), os processos linguísticos estão inseridos em uma dinâmica histórica na qual os falantes têm demonstrado gerenciar com criatividade e desenvoltura o funcionamento do léxico de sua língua, sem precisar de tutores ou guardiões.

5.6 Estilismo

Entendemos aqui como escolha estilísticas no sentido Bakhtiniano que entende que a escolha de um locutor por uma determinada forma gramatical não se faz de maneira aleatória, mas assentadas em intenções comunicativas que por sinal são medidas por práticas sociais de uso da língua (SILVA, 2020).

A escolha deliberada de estrangeirismos como recurso estilístico, ou seja, para proporcionar determinado efeito ao discurso, é muito utilizada em diversas situações, entre elas, na nomeação de estabelecimentos comerciais como forma de agregar valor ao empreendimento.

Sobre a necessidade de se utilizar expressões estrangeiras como marca simbólica da presença de outras nações, Garcez e Zilles (2004) afirmam que isso é resultado, em parte, da insegurança da classe consumidora do país, que se espelha em modelos externos, utilizando, desse modo, o inglês como uma forma de diferenciação competitiva entre aqueles que possuem o capital simbólico do consumo e aqueles que não possuem.

A charge de autoria do artista Phicho (Figura 16) apresenta essa relação da escolha de nomeação de estabelecimentos com nomes estrangeiros como uma forma de diferencial. Na charge, há um ar de espanto por parte do personagem que, inclusive, questiona a escolha lexical, valorizada como bonita, mas problemática devido ao seu significado literal pouco prático para se referir a um estacionamento. Nota-se, na charge, que há uma referência ao poder de diferencial estilística do uso de palavras estrangeiras na nomeação de estabelecimentos comerciais, mas apesar disso, sobressai uma crítica à confusão do uso desses nomes estrangeiros.

FIGURA 16 – Exemplo do grupo “Estilismo”



Fonte: Blog da Parábola Editorial, 2017.

No meme seguinte de autor desconhecido (Figura 17), nota-se uma transformação qualitativa da conotação dada ao personagem através da troca do item vernacular pela expressão estrangeira, mudança provocada pela aquisição de uma nova língua, no caso o inglês, uma língua de prestígio.

FIGURA 17 – Exemplo do grupo “Estilismo”



Fonte: Pinterest, 2019.

Fiorin (2004, p. 117) explica que, do ponto de vista do uso, as palavras possuem conotações diferentes se comparados os itens estrangeiros e vernaculares, não havendo uma verdadeira correspondência, ou equivalência perfeita entre eles como pode existir do ponto de vista da forma. Assim, certas expressões estrangeiras podem possuir conotações que os itens vernaculares não possuem, como é o caso das expressões em inglês que denotam modernidade e requinte, denotação que não existiria se ao invés de palavras em inglês se utilizassem itens do nosso idioma.

6 Considerações finais

A partir da identificação das ideologias linguísticas nos materiais analisados, foi possível demonstrar uma regularidade na manifestação dos falantes em relação aos estrangeirismos, a consciência social da comunidade de fala. A possibilidade de classificação dessas ideologias linguísticas em subgrupos evidencia que existem opiniões comuns dos falantes a respeito dos estrangeirismos. Examinar mais a fundo a natureza dessas regularidades pode ajudar a entender melhor a relação que os falantes possuem com a língua e a sua dinâmica, e acessar a sua consciência sociolinguística.

Associações simbólicas a respeito do inglês, expressiva fonte de empréstimos da atualidade, e concepções puristas de defesa e conservação da língua disputam espaço no imaginário social influenciando ideologias que os falantes brasileiros têm sobre nosso idioma.

Muito do que foi observado nos materiais coletados dá suporte às concepções apresentadas no Projeto de Lei dos deputados Aldo Rebelo, mesmo passadas mais de duas décadas da sua elaboração. Isso significa dizer que as ideologias linguísticas alinhadas a ideias puristas de dominação ideológica, ameaça imperialista, degradação da língua e a necessidade de a língua ser preservada da insidiosa presença estrangeira, ainda circulam socialmente com o mesmo vigor com que inspirou a lei antiestrangeirista, a despeito das recorrentes discussões que esses discursos inspiraram na sociedade e na comunidade científica em decorrência do famigerado projeto.

A insistência com que essas ideologias linguísticas continuam a circular no imaginário social comprova a dificuldade que a comunidade científica tem de se fazer ser entendida pelo grande público, como já havia observado por Rajagopalan (2005) e, assim, desfazer alguns equívocos a exemplo do mito da língua pura e imutável, ou de que os empréstimos representam ameaça. A ciência desfaz os equívocos, mas eles persistem na consciência coletiva da comunidade, e são responsáveis por gerar preconceito linguístico e fundamentar comportamentos extremistas na sociedade, a exemplo de leis de natureza autoritária como a do Aldo Rebelo.

Através do estudo societal sobre os estrangeirismos, podemos evidenciar que os falantes possuem consciência sociolinguística e conseguem demonstrar isso no uso que fazem da língua. O

próprio fato de conseguirem diferenciar os empréstimos dos termos vernaculares, rotulando-os como estrangeirismos, já é uma prova da consciência sociolinguística desses falantes, que se manifesta através de julgamentos sociais.

Ao optarem pelo uso de estrangeirismos ao invés de itens vernaculares, por exemplo, eles o fazem sabendo que os significados sociais e estilísticos não são os mesmos. Ou seja, os falantes não só têm consciência das formas variáveis da língua, mas reconhecem que essas formas estão associadas a contextos e significados sociais específicos, ainda que, em muitos casos, esses significados não estejam alinhados com o que as ciências da linguagem preconizam.

Um fato que corrobora essa ideia tem a ver com o impacto que o inglês possui na atualidade como língua de forte apelo multissemiótico, sobre a qual pairam diversos valores e associações simbólicas que não são ignorados pelos falantes. Com a análise do material coletado foi possível notar, por exemplo, que os falantes possuem consciência do valor de prestígio e diferenciação social que o inglês possui como língua de forte alcance, utilizando o inglês de forma deliberada, mas para alcançar efeitos variados de acordo com os seus objetivos.

Além disso, observar o comportamento dos falantes em relação aos estrangeirismos em situações de uso forneceu pistas de como os falantes, mesmo diante de itens lexicais estrangeiros, conseguem lançar mão de sua consciência linguística ao manipular esses recursos com criatividade para atender aos seus propósitos comunicativos. Os falantes também demonstram uma consciência epilinguística, ao dar exemplos dos processos morfossintáticos que os empréstimos podem sofrer em sua dinâmica de regularização ao português.

Agradecimentos

Agradeço à Profa. Dra. Raquel Meister Ko. Freitag pela orientação valiosa, sem ela não seria possível dar andamento a essa pesquisa. Agradeço também aos colegas de curso, José Manoel Siqueira da Silva, Keila Vasconcelos Menezes (e demais não mencionados), pelo apoio e a motivação tão importantes. O presente trabalho foi realizado com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior – Brasil (CAPES).

Referências

AS PROFUNDEZAS DO BRASIL AUTÓCTONE. Estrangeirismo é o cacete... 30 de maio de 2021. *Twitter*: @brasilautoctone. Disponível em: <https://twitter.com/brasilautoctone/status/1399169379384844290/photo/1> Acesso em: 20 de fev. 2022.

ASTRAGEMICAZ. “dropar” é a abrasileiração do “drop” tipo “fanficar” da fanfic, “flop/flopei/flopada” do *flop* ai ai a influência dos estrangeirismos dos fãs de ficar pop nas redes sociais dá nisso. 3 de jun de 2021. *Twitter*: @twiniebirds. Disponível em: <https://twitter.com/twiniebirds/status/1400462751915339783>. Acesso em: 20 de fev. 2022.

BRASIL. *Projeto de Lei nº 1676 de 1999*. Disponível em: <https://www.camara.leg.br/proposicoesWeb/fichadetramitacao?idProposicao=17069> Acesso em: 20 de jul. de 2020.

BRASIL. *Projeto de lei 5632 de 2020*. Disponível em: <<https://www.camara.leg.br/proposicoesWeb/fichadetramitacao?idProposicao=2267965>> Acesso em 20 de junho de 2022.

BLOG DOS CURSOS. *Anglicismos*. Disponível em: <http://blogdoscursos.com.br/anglicismo/> Acesso em: 20 de fev. 2022.

BECHARA, E. *Moderna gramática portuguesa*. 37. ed. rev. ampl. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2009.

BOUCHER, D. F. *Conteúdo revisional 003 – 7º ano estrangeirismo – quarta-feira*. Agora discursiva. Agosto 15, 2016. Disponível em: <http://agoradiscursiva.blogspot.com/2016/08/conteudo-revisional-7-ano.html> Acesso em: 20 de fev. 2022

BOTTA, M. G. Breve estudo sobre os usos dos termos empréstimo e estrangeirismo na tradição linguística em língua portuguesa. *Signo*, Santa Cruz do Sul, v. 45, n. 82, p. 150-159, jan. 2020. DOI: <https://doi.org/10.17058/signo.v45i82.14356>.

CARDOSO, D. P. *Atitudes linguísticas e avaliações subjetivas de alguns dialetos brasileiros*. São Paulo: Blucher, 2015.

CANO, W. M.; PRADO, D. de F. Os estrangeirismos da área da informática no Aurélio XXI;. *ALFA: Revista de Linguística*, São Paulo,

v. 50, n. 2, 2009. Disponível em: <https://periodicos.fclar.unesp.br/alfa/article/view/1423>. Acesso em: 14 jun. 2021.

CEGALLA, D. P. *Novíssima gramática da língua portuguesa*. 48.ed. revisada. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 2008.

COLETTI, C. Eu gosto que as redes sociais popularizaram a frase “essa energia aqui” pra substituir o estrangeirismo “essa vibe”. Tem que descolonizar o léxico virtual mesmo. Tweet: @caiicoleti Disponível em: <https://twitter.com/caiicoletti/status/1399119904280829955> Acesso em: 20 de fev. 2022.

ENTRELINHASDAVIDA. Estrangeirismos. 10 de out. de 2014. Disponível em: <https://entrelinhasdavidal.wordpress.com/2014/10/10/estrangeirismo/> Acesso em: 20 de fev. 2022

FARACO, C. A. *Estrangeirismos: guerras em torno da língua* São Paulo: Parábola Editorial, 2004

FARACO, C. A. Empréstimos e neologismos: uma breve visita histórica. *ALFA: Revista de Linguística*, São Paulo, v. 45, -n. esp., p. 131-148, 2001. DOI:

FERRAZ, A. P. A renovação lexical e a dimensão social da língua. In: SEABRA, M C. (org.). *O léxico em estudo*. Belo Horizonte: Faculdade de Letras, 2006. p. 217-234.

FIORIN, J. L. Considerações em torno do Projeto de Lei nº 1676/99. In: FARACO, C. A. (org.). *Estrangeirismos: guerra em torno da língua*. São Paulo: Parábola, 2004. p. 107-125.

FREITAG, R. M. K. Et. al. Como o brasileiro acha que fala? Desafios e propostas para a caracterização do “português brasileiro”. *Signo y Señá*, Facultad de Filosofía y Letras (UBA), v. 1, n. 28, p. 65-87, 2015. DOI: <https://doi.org/10.34096/sys.n28.3174>.

FREITAG, R. M. K. Uso, crença e atitudes na variação na primeira pessoa do plural no Português Brasileiro. *DELTA: Documentação de Estudos em Linguística Teórica e Aplicada*, São Paulo, v.32, n.4, p.889-917, 2016. DOI: <https://doi.org/10.1590/0102-44506992907750337>

FREITAG, R. M. K. O desenvolvimento da consciência sociolinguística e o sucesso no desempenho em leitura. *Alfa*, São Paulo, v.65, 2021. DOI: <https://doi.org/10.1590/1981-5794-e13027>

FREITAG, R. M. K. et al. O uso da língua para a discriminação. *A Cordas Letras*, v. 21, n. 1, p. 185-207, 2020. DOI: <https://doi.org/10.13102/cl.v21i1.5233>

FREITAG, R. M. K. Saliência estrutural, distribucional e sociocognitiva. *Acta scientiarum. Language and culture*, v. 40, n. 2, p. e41173-e41173, 2018. DOI: <https://doi.org/10.4025/actascilangcult.v40i2.41173>

FREITAG, R. M. K. Projeto de pesquisa: A língua do universitário: fala, leitura e escrita para o letramento acadêmico. 2018. Disponível em: https://prograd.ufs.br/uploads/content_attach/path/26392/CECH_Raquel_Freitag_Letras_FalaLeituraEscrita.pdf. Acesso em: 20 abr. 2020.

GARCEZ, P. M.; ZILLES, A. M. S. Estrangeirismos: desejos e ameaças. In: FARACO, C. A. (org.) *Estrangeirismos: guerra em torno da língua*. São Paulo: Parábola, 2004, p.15-36. GARCIA, L. H. *Empréstimos, estrangeirismos e neologismos: uma análise terminológica*. 2014. 29 f. Monografia (Bacharelado em Línguas Estrangeiras Aplicadas) – Faculdade de Línguas Estrangeiras Aplicadas ao Multilinguismo e à Sociedade da Informação, Universidade de Brasília, Brasília, 2014. Disponível em: https://bdm.unb.br/bitstream/10483/8964/1/2014_LucasHenriqueGarcia.pdf acesso em 23 de jul. de 2021.

GARRETT, P. *Attitudes to Language*. Cambridge: Cambridge University Press, 2010.

KRIEGER, F. *12 termos em inglês utilizados nos negócios (e que você precisa saber o que significam)*

Informe Blumenau, 07 de jul de 2020. Disponível em: <https://www.informeblumenau.com/12-termos-em-ingles-utilizados-nos-negocios-e-que-voce-precisa-saber-o-que-significam/> Acesso em: 20 de fev. 2022.

LABATE, F. G. *Vocabulário da economia: formas de apresentação dos estrangeirismos*. 136 f. 2008. Dissertação (Mestrado em Filologia e Língua Portuguesa) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2008. DOI:10.11606/D.8.2008.tde-25092008-154021.

LE BRETON, J. M. Reflexões anglófilas sobre a geopolítica do inglês. In: LACOSTE, Y. & RAJAGOPALAN, K. [org.]. *A geopolítica do inglês*. São Paulo: Parábola, 2005, p.12-26.

LEITE, M. Q. Purismo: do preconceito ao conceito. *Revista da ANPOLL*, v.X, n 3, p. 175-191, 1997.

MAGNANI, de S. C. *O estrangeirismo como fator de prestígio social ou estratégia de marketing em estabelecimentos comerciais de Curitiba*. 126 f. Dissertação, (Mestrado em Ciências Humanas pelo Departamento de Pós-Graduação do Mestrado em Cultura e Sociedade: diálogos interdisciplinares) – Programa de Pós-Graduação do Mestrado em Cultura e Sociedade, Universidade Tuiuti do Paraná, Curitiba: 2014. Disponível em: <https://tede.utp.br/jspui/bitstream/tede/1568/2/O%20ESTRANGEIRISMO.pdf> Acesso em: 20 jul. 2021.

MIKAELA S. Eu era um Zé Ninguém – Humor Pirata. *Pinterest*. Stefani Mikaela. Disponível em: <https://br.pinterest.com/pin/740419994978370848/> Acesso em 19 de jul de 2021.

OLIVEIRA, G. M. Brasileiro fala português: monolinguismo e preconceito linguístico. In: SILVA, F. L. da; MOURA, H. M. de H. (orgs). *Direito à fala: A questão do preconceito linguístico*. Florianópolis: Insular, 2000, p. 83-92.

PAIVA, M. F. et al. O uso de estrangeirismo em nomes de estabelecimentos comerciais na cidade de Arapongas (PR). *Signum*, Londrina, v. 5, n. 1, p. 227-237, 2002. Disponível em: <https://ojs.uel.br/revistas/uel/index.php/signum/article/view/3672/2963> Acesso em 23 de jul. de 2021.

PACHECO, N. *Salvem-nos o inglês!* Ciberdúvida da Língua Portuguesa. 8 de jul de 2016. Disponível em: <https://ciberduvidas.iscte-iul.pt/artigos/rubricas/idioma/salvem-nos-o-ingles/3378> Acesso em: 20 de fev. 2022.

POSSENTI, S. *A Questão dos Estrangeirismos*. In: FARACO, C. A. (org.) *Estrangeirismos: guerra em torno da língua*. São Paulo: Parábola, 2004, p.161-174. RAJAGOPALAN, K. Línguas nacionais como bandeiras patrióticas, ou a linguística que nos deixou na mão. In: RAJAGOPALAN, K; (orgs.) *A linguística que nos faz falhar: investigação crítica*. São Paulo: Parábola Editoria, 2004, p.11-38.

RAJAGOPALAN, K. A geopolítica da língua inglesa e seus reflexos no Brasil: por uma política prudente e propositiva. In: LACOSTE, Y.; RAJAGOPALAN, K (orgs.). *A Geopolítica do Inglês*. São Paulo: Parábola, 2005. p. 135-159.

RAJAGOPALAN, K. *Por uma linguística crítica: linguagem, identidade e a questão ética*. São Paulo: Parábola Editorial, 2003.

RIO GRANDE DO SUL. *Assembleia Legislativa do Rio Grande do Sul*. Projeto de Lei Raul Carrion 156/2009. Institui a obrigatoriedade da tradução de expressões ou palavras estrangeiras para a língua portuguesa, sempre que houver em nosso idioma palavra ou expressão equivalente, no âmbito do Estado do Rio Grande do Sul e dá outras providências. Porto Alegre, 5 de agosto de 2009. Disponível em: <http://proweb.procergs.com.br/Diario/DA20090817-01-100000/EX20090817-01-100000-PL-156-2009.pdf> Acesso em 21 de jul. de 2021.

SANTOS, O. N. X-Burger em Outdoor: Uma questão de fronteiras. *Tradução & Comunicação Revista Brasileira de Tradutores*, São Paulo, v. 17, n. 17, 2008. p. 49-58.

SCHMITZ, J. B. *Língua portuguesa e estrangeirismos*. Blog da Parábola Editorial. 01 Maio de 2017. Disponível em: <https://www.parabolablog.com.br/index.php/blogs/lingua-portuguesa-e-estrangeirismos> Acesso em: 20 de fev. 2022.

SCHMITZ, J. R. O projeto de lei no 1676/99 na imprensa de São Paulo. In: FARACO, C.(org.) *Estrangeirismos: guerra em torno da língua*. São Paulo: Parábola, 2004. p. 83-104.

SERRA, T. da. *Até Que Ponto Devemos Condenar O Uso De Estrangeirismo Na Língua?* Blog Descomplica. 24 de fevereiro de 2015. Publicado em 28 de mar, 2016 Disponível em: <https://descomplica.com.br/blog/materiais-de-estudo/portugues/ate-que-ponto-devemos-condenar-o-uso-de-estrangeirismo-na-lingua/> Acesso em: 20 de fev. 2022.

SILVA, Carolina de Ribamar e. *Empréstimos lingüísticos e estrangeirismo: a legitimação de teorias lingüísticas através de leigos*. 135 f. Dissertação (mestrado pelo departamento de Ciências e Letras de Araraquara) – Universidade Estadual Paulista, Faculdade de Ciências e Letras de Araraquara, 2008. Disponível em: <http://hdl.handle.net/11449/93965> Acesso em 20 de jul. 2021.

SILVA, A. K. R. da; VIEIRA, M. S. Crenças e atitudes linguísticas acerca de anglicismos no português brasileiro. *Anais*, i sielli, xix encontro de letras, língua literatura e ensino em tempos de ressignificação. 09 a 13 de nov. de 2020.

SILVA, S. P. Estilo e estilística em Bakhtin e Volóchinov: perspectivas em diálogo. *Linha D'Água* (Online), São Paulo, v. 33, n. 3, p. 79-103,. 2020. DOI: <https://doi.org/10.11606/issn.2236-4242.v33i3.p79-103>.

SOARES, L. A. O uso da língua inglesa em nomes de estabelecimentos comerciais como forma de persuasão e estratificação social. *Revista The Specialist*, São Paulo, v. 40, n.2, p. irreg., 2019.. DOI: <https://doi.org/10.23925/2318-7115.2019v40i2a9>.

SWEET STUFF. *Os estrangeirismos já chateiam pá*. 2016. Disponível em: <https://sweetstuff.blogs.sapo.pt/os-estrangeirismos-ja-chateiam-pa-215991> Acesso em: 20 de fev. 2022.

TESSMANN, K. R. Purismo na linguagem jurídica trabalhista: a proposta do ministro Marco Aurélio Mello. *Trabalho de Conclusão de Curso*, Curso de Pós-graduação Lato Sensu na área de Língua Portuguesa, Centro Universitário de Brasília (UniCEUB/CPD), Brasília –DF 2007.

TRUDGILL, P. *Dialects in contact*. Oxford: Blackwell, 1986.

VIEIRA, J. R.; MOURA, H. M. de M. Língua estrangeira: direito ou privilégio? In: SILVA, F.; MOURA, H. M. de M. Moura (orgs.): *O direito à fala: A questão do preconceito linguístico*. Florianópolis: Insular, 2000. p.113-127.

XATARA, C. M. Estrangeirismos sem fronteiras. *ALFA, São Paulo*., v. 45, n. esp, p. 149-154, 2001.